

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Congresso Nacional Class.: Pixantecedente

Data: 21/08/48

Pg.: 455

...sel como as Docas de Santos conseguiram esses oitenta milhões de cruzeiros.

OSR. HERBERT LEVY — Conquindo, Sr. Presidente, estes são os três pontos essenciais que me parecem essenciais do projeto: 1) Assegurar maior eficiência às administrações de empresas ferroviárias. 2) Conseguir que as ferrovias se ocupem com as medidas necessárias ao desenvolvimento das regiões que servem. 3) Saneamento prévio do mercado de títulos federais, a fim de que possa comportar emissão do vulto dessa que se pretende para o financiamento do plano.

Nesse sentido, Sr. Presidente, apresento emendas:

Era o que desejava salientar. (*Muito bem; muito bem.*)

DISCURSO DO DEPUTADO SR. VASCONCELOS COSTA, PROFERIDO NA SESSÃO DO DIA 23 DE AGOSTO DE 1948.

CUJA PUBLICAÇÃO SERIA FEITA POSTERIORMENTE.

O SR. VASCONCELOS COSTA — Sr. Presidente, o Brasil pelo Triângulo Mineiro, sudoeste de Goiás e leste de Mato Grosso, até as divisas do Pará.

Localizava-se ali, até há pouco tempo, a maior área de terras desconhecidas do mundo, uma vez que o homem branco já havia levado a bandeira da civilização aos recessos mais ignotos do continente africano. Somente o bugre selvagem imperava naqueles enormes latifúndios sob o Equinotio, em meio a uma floresta que parecia qualquer vestígio da presença do homem civilizado.

Enquanto, e mrazão da última guerra, os povos lutavam no Velho Mundo em busca do espaço vital, no coração da América meridional milhares de quilômetros quadrados de terras virgens continuavam esquecidos, figurando em mapas e cartas geográficas como regiões semi-desconhecidas.

Além disso, a ofensiva de submarinos inimigos no Atlântico Sul, cortando as rotas marítimas, entravava o comércio interior do País, desafiadas que eram, pela imprevidência dos Governos, as zonas septentrional e meridional, a falta de um sistema ferroviário e rodoviário adequados.

O único meio de interligação passou a ser a navegação fluvial do Rio São Francisco, de Pirapora, em Minas Gerais, até Joazeiro, no extremo Norte da Bahia, a fazer, através dos seus 1.350 quilômetros de percurso, a junção ferroviária da Central do Brasil com a Leste Brasileira e com a Petrolina-Teresina.

Dal, a necessidade da abertura de novos caminhos de penetração no interior, traçada pela previdência da estratégia de guerra, caso os exércitos de Romel, na sua avançada do Setentrião africano, alcançassem as costas do Nordeste brasileiro. Simultaneamente, iniciou-se a construção da rodovia Rio-Bahia, do Plano Rodoviário Nacional, e a ligação da Estrada de Ferro Central do Brasil, de Montes Claros até ao Sul da Bahia, fazendo junção dos sistemas ferroviários norte e sul.

Foi, então, que a Coordenação da Mobilização Econômica, sob a direção do Ministro João Alberto, principiou a nova rota de penetração através da Expedição Roncador-Xingu. Posteriormente, por decreto-lei do Governo Federal, foi instituída a Fundação Brasil Central e a ela incorporado o patrimônio da Expedição.

A Fundação Brasil Central não nasceu, entretanto, como supõe o seu ilustre criador, — cuja inteligência, patriotismo e energia serena mereceu a homenagem do nosso respeito, ad-

miração e justiça — apenas do impulso dos seus sentimentos humanitários justamente melindrados ao contemplar, na sua caminhada heróica da Revolução de 24, as misérrimas, os sofrimentos e o abandono de nossa gente do interior. Teve sua origem sobretudo, nas necessidades da guerra, no programa das comunicações, no problema da borracha, reclamado insistentemente e com a maior urgência pelos nossos companheiros de luta dos Estados Unidos e Canadá. Iniciada a batalha da borracha, vimos interrompidas as nossas comunicações pela costa. E o problema dos caminhos do interior, que nunca devia ter sido descurado, se impôs aos nossos homens de Governo, daí o prosseguimento intensivo da estrada de rodagem em demanda do Norte do País e o prolongamento das paralelas de aço, descendo da Rede Ferroviária Baiana e subindo das linhas da Central do Brasil, para em breje se encontrarem, permitindo o percurso do Rio Grande do Sul ao Ceará.

Paralelamente se organizava, pela Coordenação da Mobilização Econômica, a Expedição Roncador-Xingu, com o objetivo de levar a rota aérea em linha diagonal de Rio a Manaus, desbravando as regiões desconhecidas do Araguaia ao Xingu e, agora, deste ao Tapajós e semeando em todo o percurso uma série de campos, cujas ótimas condições técnicas tornou possível o encurtamento considerável daquela via de acesso ao Norte.

Certo é que houve erros iniciais na Fundação Brasil Central; mas onde não os há, quando se trata de obra humana? O erro é o cometimento de cada dia na atividade do homem; perseverar nele, sim, não é humano, mas diabólico, segundo o preceito do cristianismo.

Os erros cometidos em série de insucessos. Os erros havidos na Fundação estão servindo aos seus atuais dirigentes como lição experimental para dar uma orientação mais segura aos magnos problemas, correlacionados ao patriotismo e a experiência dos homens aos quais o governo confiou a tarefa de reorganizar-lhe os trabalhos e que estão procurando corresponder a essa confiança, devotando todas as suas energias ao estudo e solução dos vários programas a serem executados no Brasil Central, matéria de relevo na administração do País, a exigir clareza, a reclamar devotamento inspirado pelo mais alto e são patriotismo.

No stand da F. B. C. na Exposição Internacional de Quitandinha, obra inteligente de propaganda racional de nossas riquezas, existe o mostruário do que já se fez no Brasil Central. A visita pessoal àquela região deixa, entretanto, uma impressão mais nítida dos trabalhos já realizados.

Triângulo Mineiro

No início da grande região do Brasil Central, está o Triângulo Mineiro, delimitado pelos rios Grande e Paranaíba, onde se localizam as mais ubérrimas terras do País, onde crescem florescentes cidades e onde, sobretudo, se erguerá um dia, quando os homens se dispuserem a trabalhar com mais entusiasmo pela Pátria, um grande parque industrial.

Nos esplêndidos vales do Paranaíba e do Rio Grande vicejam extensas e abundantes lavouras de arroz, milho, feijão, cana de açúcar, enquanto nos campos intermediários no centro daquela região mesopotâmica, magníficos rebanhos de gir, nelore, gurezal, indubrasil e milhares de bois para os frigoríficos e xarqueadas a engordarem inuas invernadas constituem uma grande expressão de sua fisionomia econômica.

Os estudos da geopolítica nos demonstram que está naquela zona um dos principais centros de irradiação econômico do Brasil, tais e tantos são

os seus múltiplos fatores de fixação do homem ao solo.

No majestoso curso d'água que lhe delimita o território com o de Goiás, localizam-se a Cachoeira Dourada, misto de encanto e de potência, e, mais abaixo, o Canal de São Simão, cujas capacidades hidro-elétricas aproveitadas poderão alcançar cerca de um milhão de H. P., capazes de acionar um dos maiores centros fabris da República.

Pelo Triângulo Mineiro passa, sem dúvida, o meridiano econômico do Brasil. A sua intensa produção agrícola, o desenvolvimento de sua pecuária, o apreciável movimento industrial, o elevado índice da situação bancária, o crescimento de suas cidades, feitas quase exclusivamente pela iniciativa e sua população, sem assistência governamental que corresponda às suas necessidades, são aspectos multiformes da capacidade econômica regional.

O Sr. João Botelho — Permita-me um aparte. Estou em pleno conhecimento da tese do discurso de V. Ex.^a, que, dada a intimidade que tem comigo, me comunicou iria justamente elaborar um trabalho em favor do grande empreendimento de rasgar os sertões do Brasil, empreendimento esse realizado pela Fundação Brasil Central, que V. Ex.^a conhece de viso e in loco, porque ainda recentemente teve oportunidade de ir, com uma caravana de ilustres colegas, até a respectiva região.

Muito obrigado a V. Ex.^a

Quando o Governo tiver compreendido bem a necessidade de incentivar o desenvolvimento do centro do País, de onde irradiará o progresso em todas as direções, quando realizar o aproveitamento das grandes quedas d'água, a exemplo do que fizeram os Estados Unidos no Nordeste, e a Rússia nos Urais, o Triângulo Mineiro mostrará ao Brasil, por um ângulo mais oportuno de seu extraordinário potencial econômico.

Ali principiou a Exposição Roncador-Xingu que, partindo de São Paulo, teve a sua base principal na magnífica cidade de Uberlândia, marco adiantado da civilização no Oeste brasileiro. Nessa cidade, teve a Fundação Brasil Central a sua base inicial, onde se construíram entrepostos, aviário e uma série de outros serviços menores.

Bases da F. B. C.

Oitenta léguas abaixo de Uberlândia, depois que se atravessam os Paranaíba, o Meia Ponte, o Rio dos Bois, no Sudoeste de Goiás, fica a cidade de Rio Verde, segunda base da Fundação.

A situação da rodovia que parte de Uberlândia em demanda ao Leste de Mato Grosso, bifurcando-se para Lageado e Balinanda ao Leste de Mato Grosso, bifurcando-se para Lageado e Balisa, e que serve a dezenas de localidades, colocando aquela cidade mineira no vértice de um ângulo comercial com um raio de mil e duzentos quilômetros, e de péssimas condições técnicas. Foi proposto por meio de projeto de lei e de emenda ao Orçamento da União o crédito necessário para construções de pontes sobre os dois últimos rios citados, em virtude da dificuldade interposta ao trânsito oriunda da precariedade das que ali existem.

Em Rio Verde, além de outros serviços, a Fundação Brasil Central construiu uma usina para fabricação de açúcar, de que tanto carece a região, dado o elevado preço por que ali chega o produto vindo dos grandes centros comerciais, sujeito a fretes que muito o oneram.

Mais adiante, localizou a Fundação um entreposto em Calapônia, antiga Rio Bonito e daí prosseguiu em demanda a Mato Grosso.

Levantou a F. B. C. barracões, em Barra do Garças, à margem do Rio Araguaia, propriamente de 1.^a base da Expedição Roncador-Xingu, transformados agora em escola, hospital e escritórios, embora em condições precárias, contudo denotando ordem e zelo, tão necessários à administração da coisa pública.

Foi procedida a abertura da nova escola, ótimamente instalada, dirigida por uma educadora competente, que em formosa lição desenvolveu os magnos problemas da educação de menores no Brasil Central.

Um dos deputados integrantes da comitiva parlamentar em visita à região enalteceu a obra magnífica que se concretizava, não apenas ao inaugurar-se o novo prédio, pertencente ao aparelho e mobiliado, mas na assistência cuidadosa, fornecimento de roupa, calçado, escovas de dentes e tudo o mais, com o objetivo de elevar o nosso homem do interior a um nível de civilização que venha a fazer dele não o pária abandonado e submisso, mas um elemento eficiente na colaboração da grandeza da Pátria. Obra meritória seria a instalação ali de mais escolas pelo Ministério da Educação e Saúde, de acordo com o plano de alfabetização rural.

O gabinete dentário, a farmácia, instalados com modéstia, em prédios adaptados, mas em condições higiénicas perfeitas, permitirão um serviço médico-hospitalar à altura das nossas melhores cidades. Não há luxo nesses prédios, pois são construídos com modéstia, mas a eficiência dos serviços não depende de mármore, nem de metais reluzentes, pois é fruto de dedicação de médicos e de enfermeiras. E é de se admirarem a competência, a serenidade; a modéstia do médico que ali assiste, moço que abandonou, como um exemplo à sua geração, o asfalto das grandes cidades, desprezou ofertas tentadoras de altas remunerações para, no seu idealismo, cuidar da nossa gente abandonada.

Araragças hoje é um centro médico hospitalar, que atende a pessoas vindas, algumas vezes, de 600 quilômetros de distância.

É necessário que seja dado maior apoio a obra tão benemerita, dando justa recompensa aos seus exécutores.

No Rio das Mortes, já em pleno hinterland, está um cidadão silencioso e energético, amansador de sertão, afetado a luta diária que requer do homem todas as energias e o equilíbrio de nervos que só temperamentos especiais podem oferecer em missão de tanta responsabilidade.

O Coronel Flaviano de Matos Vainique se apresenta ao visitante com as características de autêntico herói; persistente nos seus objetivos, energético na sua disciplina e patriota nos seus anseios.

Desde 1943, partindo de São Paulo, vem aquele bravo gaúcho se dedicando ao desbravamento do Brasil Central organizando as bases sucessivas de Uberlândia, Rio Verde, Calapônia, Araragças, Rio das Mortes, Kuluene e Xingu, e já se prepara para descer esse rio, subir o Mamitauá-Missú e da margem direita desse curso d'água demandar por terra o Teles Pires principal formador, com o Jurruena, do caudaloso Tapajós.

No Xingu, tem-se a oportunidade de poder comparar a epopéia de Anchieta e Nóbrega nas figuras singulares dos Irmãos Vilas Boas. É simplesmente edificante, o único qualificativo adequado ao espetáculo que ali se presencia, a presença de jovens, na plena exuberância da sua juventude, flagelados ao serviço da Pátria, sujeitos a uma disciplina pessoal só encontrada na história dos agiólogos, vivendo em companhia de alguns mi-

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário do Congresso Nacional* Class.: *Fixante cedente*

Data: *21/08/48*

Pg.: *455*

lhares de selvícolas, na idade da pedra, com a simplicidade natural da vida primitiva em que o nu — pequeno triângulo de madeira, de apenas 2 centímetros, preso à cintura feminina por um frágil cordão — constitui o símbolo do pudor que protege a mulher, seja com os vestidos longos, seja com a leveza de um veu que apenas difinse a nudez como o manto de fantasia, de que nos fala Eça de Queiroz, a cobrir a verdade.

A disciplina pessoal dos chefes é transmitida a todos os seus auxiliares. O respeito pela mulher indígena, pela propriedade, pelos selvícolas, pelos seus sentimentos mais delicados, é tocante e explica o grande sucesso do trabalho da Fundação entre os indígenas, a atrair todas as tribus, da vizinhança.

Parque Nacional

No Posto do Kulucne, onde assistem apenas 3 funcionários da Fundação — o radiotelegrafista e dois guarda — existe um campo de pouso de emergência, aliás em ótimas condições técnicas, construído nas proximidades das malocas dos índios Kapalapos.

A acolhida que dão ao civilizado é sempre a mais cordial, pois que os 3 funcionários desaparecem diante a centenas de indígenas, que recebem com abraços amigos, levam à sua taba, fazem participantes da sua alimentação e provocam aos visitantes gestos de retribuição em que até as próprias camisas são por vezes tiradas para lhes serem presenteadas.

O Sr. José Bonifácio — O Serviço de Proteção aos Índios é que presta todos os serviços a que V. Ex.ª se está referindo?

O SR. VASCONCELOS COSTA — O Serviço de Proteção aos Índios está encarregado de prestar assistência aos selvícolas.

O Sr. José Bonifácio — Mas não é isso o que provam as fotografias trazidas por V. Ex.ª daquela região, onde os índios, junto do Serviço de Proteção aos Índios, vivem nus, imundos e maltratados.

O SR. VASCONCELOS COSTA — V. Ex.ª tem toda a razão. Mas diante abordarei o ponto de vista externado a respeito, pelo nobre e distinto colega.

O exemplo de cordialidade desses indígenas impressiona aos próprios Xavantes que, vítimas há dois séculos, de uma chacina dos brancos, não mais quiseram se aproximar dos civilizados. Eles mesmos já procuram os funcionários da Fundação e, por uma justificada prudência, tem-se evitado contato com esses selvagens. Seria aconselhável, entretanto, uma coordenação dos esforços entre a Fundação e o Chefe do Posto de São Domingos, do Serviço de Proteção aos Índios, onde tem-se oportunidade de admirar uma autêntica heroína brasileira — a senhora Abigail Meireles — esposa do inspetor Francisco Meireles, que, com sua filha, ao lado da menina de alguns meses, tendo ao lado outra de 4 anos, se aproxima confiante do Chefe dos Xavantes, com ele conversa, a entrega aos seus braços, eliminando, desta maneira, a separação que o branco cavara entre o selvícola hom e corajoso e a população civilizada que covardemente se serviu de bacamarte para dizimar algumas dezenas de índios, honrados, a convite das autoridades da velha capital de Goiás. Anos depois o trucidamento de Pimentel Barbosa e seus companheiros nada mais foi do que a vingança dos selvagens, sentimento guardado através de gerações.

O Sr. Galeno Pranhos — Genésio Pimentel Barbosa foi trucidado, com mais cinco companheiros, nesse serviço de aproximação dos índios. Até hoje, porém, seus restos mortais estão em completo abandono, na selva goiana.

O SR. VASCONCELOS COSTA — Conheço perfeitamente o lugar onde o fato ocorreu.

O Sr. Galeno Pranhos — Seria medida, não só humana como também demonstração do nosso apreço à sua memória, trazer os restos desses brasileiros para um dos cemitérios de Goiás, ou mesmo do Rio.

O SR. VASCONCELOS COSTA — Justíssima a homenagem que V. Ex.ª sugere.

Quando se conhecem as origens da luta do indígena contra o branco, pode-se afirmar que o ato de hostilidade sempre partiu deste, ora roubando-lhe a esposa querida, ora os bens de sua propriedade.

É preciso que se renuncie, neste momento, uma respeitosa homenagem a essa mulher corajosa, que desprezou o conforto da cidade, se isolou no meio da mata, reunindo em volta de si as populações desamparadas de aldeias esquecidas do Estado de Mato Grosso, cuidando de enfermos zelosamente cria e educa os seus filhos e sem recursos outros que o de sua boa vontade e recebe em sua choupana de palha uma dezena de Parlamentares brasileiros, oferece-lhes uma hospitalidade simples, mas sincera, que tão bem caracteriza a gente do sertão.

O Serviço de Proteção aos Índios tem prestado, sem embargo das dificuldades por que passa, boa assistência aos selvícolas. Há inúmeros erros que cumpre ao Governo corrigir. O que não se pode é deixar de reconhecer a obra de tantos patriotas que a ele se dedicam. Ao seu lado caminham principalmente os valerosos Salesianos e Dominicanos, em sua missão de sentido altamente cristão de amparo às populações aborígenes, moral e materialmente, quando neste último setor, para tanto tenham recursos. É o que se presenciar na cidade perdida de Conceição do Araguaia, encravada nas matas do Pará onde os bons missionários amparam a centenas de indígenas e ainda cuidam de alguns leprosos ali reunidos.

Em nosso modo de entender consideramos um erro o processo atual de atração dos Xavantes e as demais tribus hostis à civilização, pois essas valorosas nações poderão se ver reduzidas, ao convívio da sociedade em que vivemos, às miseráveis condições sociais e morais dos Carajás, que habitam o vale do Araguaia, outrora uma valente nação, hoje condenada ao aniquilamento.

Das medidas que julgaríamos acertadas sujeitas entretanto a reparações, de opiniões mais abalizadas seria a criação, por parte do Governo Federal, de um território de domínio exclusivo dos índios, onde pudessem viver à vontade, sem estarem recuando desde há quatro séculos do litoral para o interior acuados pela civilização.

A obra de catequese, educação e assistência, seria entregue a religiosos, com a limitação do S. P. I. na Capital da República, o que resultaria certamente em economia para os cofres públicos.

Funcionários poderiam ser destacados para os maiores centros de populações selvícolas, com a finalidade de promoverem a criação de escolas, hospitais capazes de dar maior conforto aos desamparados filhos das selvas.

É desolador o espetáculo que se observa, em uma excursão aérea, sobre o domínio dos Xavantes, na contemplação das grandes queimadas que produzem nos campos, possivelmente para facilitar-lhes o movimento de atração da caça.

A região do Brasil Central onde se localizam os Xavantes, entre os Rios das Mortes e Kulucne, que contornam a Serra do Roncador, é das mais belas neste país e sem dúvida a mais desconhecida até então. Não existem, por aquelas paragens, nem a vegetação rala dos campos do sul de Goiás, ou da Chapada dos Veadeiros, no Planalto Central, nem o labirinto florestal da mata Amazônica. É antes um misto dos cerrados, do Norte e do Oeste de Minas Gerais, onde a paisagem se apresenta em aspectos verdadeiramente encantadores. Do alto para quem a sobrevoa, vêm-se, por frequentes vezes animais selvagens a correrem espantados à passagem do avião, enquanto lindas aves levantam vôos preguiçosos em demanda de pousos mais seguros. Tem-se a impressão de que é ali o paraíso, tal a beleza da terra, a proximidade do homem que a habita e a sua felicidade jamais inextinguível em troca da civilização. Nesse maravilhoso recanto, deveria o Governo da República organizar o Parque Nacional, sob rigorosa proteção legal, destinando as terras aos seus primitivos senhores e à variedade de caça e pesca ali tão abundantes; para ficar como um patrimônio histórico e geográfico às futuras gerações. O progresso da aviação e dos demais meios de transporte, dentro de poucos anos, facilitará o acesso aos lugares mais remotos da terra, sendo preciso, por isso mesmo, que se providencie no sentido de preservar, para os brasileiros de amanhã, na fotografia exata do Brasil de ontem e ainda do presente.

Obra de colonização

A colonização do Brasil Central está se fazendo através os postos da Fundação, embora diminuta em relação à vastidão da área compreendida dentro do seu raio de ação.

O Sr. Alves Palma — É preciso salientar a necessidade imprescindível da construção da ponte sobre o rio Grande, no porto de Cemitério. O Brasil Central é inacessível sem essa ponte.

O SR. VASCONCELOS COSTA — V. Ex.ª tem toda razão. Trata-se de uma das vias que virão facilitar o acesso de São Paulo aos Estados do centro do país.

Muito obrigado ao nobre colega pela valiosa colaboração.

O que já se faz em Uberlândia, Rio Verde e Catapônia constitui apenas o trabalho de cobertura da retaguarda dos serviços, mas o principal está atualmente em Aragarças e Xavantina na picada através dos invios sertões e nos campos de pouso na rota de Manaus.

Aragarças é o ponto por excelência indicado para desenvolvimento de grande cidade sertaneja com o conforto do urbanismo moderno — água, esgotos, calçamento, eletricidade — além dos recursos hospitalares agrícolas, comerciais, e de pequena indústria manufatureira. Cidadezinha ainda em formação localiza-se na confluência do rio das Garças com o Araguaia, nas divisas dos estados de Goiás e Mato Grosso. Bom clima, boa água, belo paisagens, solo fértil, tudo indica que ali se formará uma grande cidade no futuro.

Para um país de áreas de terras tão vastas como o Brasil, vantajosa seria a construção de cidades em determinadas regiões e principalmente ao longo da oxa fronteira, a fim de levar o nosso domínio territorial efetivo, e não apenas convencional, como ainda para fixar o homem ao meio, pelos recursos do conforto e da civilização, evitando o êxodo criminoso para os grandes centros do litoral, principal-

mente para a Capital da República, onde se multiplicam as favelas geradoras dos piores elementos para formação de um povo.

O crescimento de Aragarças, por exemplo, e, léguas abaixo, o desenvolvimento de Xavantina, onde os habitantes de toda a região pudessem encontrar no futuro, escolas para os seus filhos, recursos médicos e hospitalares, casas comerciais com que se suprirem com facilidade, pequena indústria, diversões, campo de pouso e estradas, facilitariam a sua fixação à terra e a remessa para a zona de colonização migratórias. O homem sómente se fixa à terra em função do interesse econômico. Daí o sentido que a Fundação Brasil Central tem procurado dar aos seus serviços. Em Aragarças e Xavantina já existem olarias, engenhos de cana para fabricação de açúcar, pequenas oficinas para conserto e conservação de veículos, criação pode-se dizer, foi marcada no mapa, de suínos e aves domésticas, plantações de cereais e de árvores frutíferas. Aragarças, antigo arraial de Barra do Garças era constituída por uma pequena povoação de garimpeiros de diamantes. Hoje em dia, modernizou-se e já tem magnífico hotel, condição também essencial para desenvolvimento de qualquer localidade. Xavantina, Aragarças, antigo arraial de Barra do to é, no grande claro da carta geográfica nacional pela intuição do coronel Matos Vanique. Foi iniciada pela folc que derrubou o mato à beira do rio das Mortes, enquanto os vigias pressurosos guardavam os trabalhadores contra as investidas dos Xavantes.

Com verdadeira emoção, verifica o visitante o quadro que se lhe apresenta ao percorrer aquela região do centro do Brasil. Algumas poucas casinhas, contornando uma praça muito grande, ao estilo das povoações lusitanas do início da colonização, tendo ao centro a infalível igreja, característica da vocação de fé católica do nosso povo. Xavantina constitui um exemplo do espírito de aventura da mentalidade construtiva e do arrojo dos nossos bandeirantes do século vinte.

A atração do homem, principalmente do colono europeu, deve constituir um dos principais problemas a preocupar a administração da Fundação Brasil Central. Uma de suas finalidades deveria ser o estudo geográfico da região, a pesquisa de recursos minerais, de produtos florestais, que possam despertar a ambição de conquista pelo homem.

Um programa novo desses estudos está sendo organizado pela diretoria do Museu Nacional, e pelo Instituto Eutantani através de uma expedição científica que permanecerá três meses nas selvas do Brasil Central.

Cuida ainda a Fundação das riquezas do Vale do Tocantins, tendo apresentado, no Congresso de Teresopolis, substancial memorial, mostrando que só o Vale daquele rio poderá resolver o problema do fornecimento de madeira ao mundo, em consequência das últimas destruições bélicas, pois que as florestas ricas de todas as essências permitirão uma exploração intensiva sem prejuízo para a terra e a condução é assegurada pelo próprio leito em que as embarcações de porte poderão acostar às pontes da serraria, dispensando assim o transporte ferroviário que não existe em outras zonas de selvas brasileiras, pois o de que dispõem os Estados do Paraná, Minas Gerais e Santa Catarina não permitiria o comércio no volume requerido pelas necessidades urgentes da reconstrução do após guerra.

Não será apenas um trabalho humanitário, pois que essa exploração poderá trazer conforme prevê a dire-

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Congresso Nacional Class.: Fixantecedente

Data: 21/08/48

Pg.: 455

ção da Fundação, o reerguimento econômico do Pará, que atravessa uma das quadras mais penosas de sua existência.

Está a Fundação empenhada em colaborar, de acordo com as determinações do Ministério da Viação, com a Comissão de Estudos do Vale do Tocantins.

Desse plano de aproveitamento, de que o rio, como via navegável, faz parte a Estrada de Ferro destinada a contornar as cachoeiras da Estação Vita Eterna e outras, que impedem a navegação regular entre o Baixo e o Alto Tocantins. São tais osperigos à navegação que não há seguro para essa empresa arriscada. Cada ano, uma dezena de barcos e de vidas preciosas desaparecem nas cachoeiras, mas o caboclo não desanima. Os pilotos do Araguaia e do Tocantins teimam em aproveitar essa longa via de penetração do Brasil Central, com muitos milhares de quilômetros de extensão.

O SR. PRESIDENTE — Lembrou ao nobre Deputado que o tempo está ficando.

O SR. VASCONCELOS COSTA — Sr. Presidente, peço a V. Ex.^a considerar-me inscrito para a sessão de amanhã a fim de concluir minhas considerações.

O SR. PRESIDENTE — V. Excellência será atendido.

O SR. VASCONCELOS COSTA — Agradecido a V. Ex.^a — Era o que tinha a dizer. (Muito bem, muito bem, Palmas).

DISCURSO DO DEPUTADO SENHOR VASCONCELOS COSTA PROFERIDO NA SESSÃO DO DIA 24 DE AGOSTO DE 1948

CUJA PUBLICAÇÃO SERIA FEITA POSTERIORMENTE

O SR. VASCONCELOS COSTA — Senhor Presidente, vou continuar as considerações que iniciei na sessão de ontem.

Outro fator importante para a recuperação econômica da região, seria o da constituição de plantéis selecionados de gado zebu, capaz de aclimatar-se com facilidade. A atividade do homem deverá ser despertada, a fim de que se possibilite a sua fixação à terra.

Naquela extensa e abandonada zona existem, sem dúvida, pelo que se verifica da conformação do solo, mexgotáveis recursos minerais, como sejam, o quartzo hialino, mica, ouro, diamantes, além de vários outros que poderão constituir um grande fator de atração do homem e sua ligação ao meio. Aliás, a colonização do nosso interior nada foi, no princípio, do que a corrida para os garimpos e minerações, que tanto despertavam a cohiça humana.

A própria soberania nacional decorrerá, sem dúvida, da posse efetiva do imenso patrimônio que nos legaram os valentes portugueses, em busca das minas florescentes, alargando as nossas dividas para o Oeste.

E que problema maior existe que o da nossa soberania sobre o território nacional, o da posse da nossa terra, defesa da nossa gente, herança tradicional dos nossos antepassados pecuários?

Pois nenhum se pode dizer senhor do território que desconhece, e as luas Resgates entre o Araguaia e o Tapajós figuravam no mapa com a cor branca, convenionada pela cartografia para as regiões totalmente desconhecidas. Graças ao trabalho da Fundação, a existente, no centro do Brasil, a mata do Xingú, o primeiro arraijal de ouro, de 300 quilômetros antes ficar a um grande território, e as áreas, que foram a primeira

do Araguaia, com os seus 3.000 habitantes, vida calma, de relativo conforto, proporcionado por um plano inteligente de urbanismo, próprio para cidades do interior.

Adiante do Araguaia, Santa Alda, Santa Xavantina, a matgem do Rio Manso, é um arraial florescente, em que o Cel. Vanique apoiou a sua marcha para o Xingú — o arraial clássico do nosso interior, um grande lar, a esquadra, casa de residência, a diretoria, oficinas, armazéns, telegrafo, usina elétrica, moendas de cana para fabricar rapadura e aúcar, olaria e outras atividades, no alto, a dominar o largo, a Capela, da Padroeira, a ser inaugurada com bênção e a primeira missa, pelo venerando Arcebispo de Goiás, em 1825. Rio Manso, a justificação da sua denominação, o nome tradicional de Moagem, hoje o nome de Moagem, pela phama dos Araés, localidade prospera, fundada pelos bandeirantes, em volta de um garimpo rico. O Governo Colonial, que tanto se preocupava com os tesouros do rei e tão pouco com o bem estar do povo, logo que teve conhecimento dessa prosperidade, para a designou o seu arrematante de rendas, que não foi recebido com carinho pelos moradores daquela região distante. Armou o Governador em represália uma expedição, que assassinou a maioria dos habitantes, dissolvendo-se, o povoado, cujos vestígios ainda se encontram nas plantações, de árvores frutíferas que ali restam, nos alcerces dos prédios desmoronados e em objetos de utilidade caseira. Perpetuou-se o nome tão inadequado para a beleza e tranquilidade do curso fluvial — Rio das Mortes.

Além de Santa Alda, uma série de campos de pouso, dos Índios, Tanguro, Garapi, Kuluene e outros, oferecem apoio para os aviões da valorosa Força Aérea Brasileira, que percorrem a zona em serviço da Fundação. Finalmente, Xingú, ou campo do Jacaré, é o último, onde assistem, há cerca de 18 meses, os Irmãos Vilas Boas, ali dispensando valiosa proteção aos selvícolas, com o aplauso fervoroso do inculto General Rondon, sucessor ilustre desse grande mineiro, que foi Couto de Magalhães.

Mas, não parou aí a Expedição. Com o apoio da Força Aérea Brasileira foram feitos novos reconhecimentos, no Xingú e no Teles Pires, cuja região de mata amazônica parecia intransponível. Mas, agora, a última carta, que mostra os derradeiros últimos resultados da exploração feita, revela o caminho seguro que permitirá chegar ainda este ano ao Tapajós. Para não retardar a marcha da expedição, receiosos do próximo período das chuvas, os expedicionários vão partir, certos de que não lhes faltará o interesse e o apoio do Governo, que os mandou prosseguir na penetração dessa região totalmente desconhecida do nosso país.

O Sr. Leopoldo Peres — V. Ex.^a traduz impressões exatas de uma grande realização patriótica, como é a Fundação Brasil Central.

O SR. VASCONCELOS COSTA — Muito grato pelo aparte de V. Ex.^a

Outra expedição arribará, nos primeiros dias de agosto, de Santarém, e subindo o rio Tapajós, atingirá o Flexal, localidade onde vai ser construído o campo de pouso que assegurará o último apoio à linha do correio Aéreo Nacional (CAN), que atravessará o Brasil em linha diagonal, de Rio a Manaus, com enorme economia de horas de voo, de gasolina, de material e de segurança.

E o plano da Diretoria de Rotas Aéreas, a qual todos os brasileiros reconheceriam as mais expressivas homenagens pelos relevantes serviços que tem prestado ao desenvolvimento da navegação aérea pelo interior do nosso país. Pois, aqueles que tem vivido no interior, sabem o que tem sido o CAN

para o progresso do hinterland brasileiro, levando a assistência e a esperança a todos os recantos.

Graças à cooperação da F.A.B. com a Fundação Brasil Central, está sendo resolvido o velho problema dos caminhos interiores, que os nossos antepassados, de modo tão extraordinário, ininterruptamente, realizaram durante 3 séculos, do litoral aos extremos do Forte de Coimbra e do Príncipe da Beira, em que os seringalistas, no princípio deste século, prosseguiram até as extremas do atual território Federal do Acre.

No século passado, os problemas do aproveitamento das terras próximas ao litoral, o cultivo da cana de açúcar, as grandes plantações de café e o desenvolvimento da pecuária absorveram totalmente as energias de nossa gente. Realizaram uma grande obra de ocupação homogênea, mas na sua imprecisão, xgotaram a seiva ubérrima da terra, para distribuição sistemática das imensas florestas, pela quem impediosa que estiola e endurece o solo, e pela rotina da enxada como único instrumento de trabalho agrícola. Já agora, principia-se a sentir a falta de boas terras próximas aos mercados de consumo. As plantações têm que avançar pelo interior longínquo, na lei inflexível que a economia política registra.

Em viagem pelo Brasil Central, podem-se apreciar terras de liberdade inegável, como as que circundam Ituituba, próxima a esses potenciais hidráulicos formidáveis que são a Cachoeira Dourada e o Canal de São Simão, que, tecnicamente aproveitadas, poderão transformar aquela região na zona mais rica do Brasil.

Em Goiás, entre Goiânia e Aragarças, nos supreenderam os trechos amplos, manhas extensas das melhores terras, finalmente, as matas do Pindalva, com dezenas de quilômetros de largura e outras tantas de extensão, as selvas do Kuluene e as do Rio das Mortes, reservas formidáveis que precisam ser estudadas, bem como aproveitamento tecnicamente planejado e resguardadas para as gerações futuras.

A colonização, portanto, do Brasil Central, precisa apenas de prosseguimento, portanto, já se acha iniciada, com sacrifício, mas com proveito sobretudo para a segurança de nossa soberania política naquela zona.

Nova sede para a F.B.C.

Não se justifica a sede da Fundação Brasil Central no Distrito Federal. O seu campo de ação, o seu meio, a sua finalidade é a colonização do interior.

Aliás, e infelizmente, neste país, todas as organizações, empresas, que operam em diferentes latitudes, têm sempre a sua sede no Rio de Janeiro, superlotadas de burocratas grafinhos, incapazes quase sempre de sentirem a necessidade de trabalhar ou de realizar alguma coisa de útil para a Pátria.

Geralmente, muitos são os que solicitam emprego nessas organizações e os pedidos, de todas as espécies e procedências, não têm limite.

O Governo da República agira dentro de um espírito realmente patriótico se determinasse a todas essas empresas a mudança imediata de sua sede para o meio, em que realmente operam. Seria medida de mais elevado senso prático e de expressão econômica, como ainda se exemplifica ao trabalho e a dedicação para os que servem a causa pública.

Não é apenas a F.B.C. que nos suscite aqui o seu escritório central, são dezenas de companhias de empresas, que vivem à sombra do Governo e que muitas vezes possuem mais funcionários no Rio de Janeiro, do que os seus demais setores de atividade e produção.

Essa iniciativa do Governo seria recebida com os maiores aplausos por parte da opinião pública.

Quanto à Fundação Brasil Central, os seus funcionários são, em geral, dedicados e dotados de espírito público e não negarão o seu concurso, no interior, à verdadeira finalidade da empresa a que servem.

Os escritórios da Fundação deveriam ser localizados em Uberlândia, ou Aragarças, bastando um representante na Capital Federal para tratar dos assuntos de seu interesse, principalmente o recebimento das verbas que lhe são destinadas através a burocracia dos Ministérios. Com essa providência, seria necessária a instalação de uma agência do Banco do Brasil em Aragarças, para a movimentação geral de suas finanças.

A presença dos dirigentes da Fundação no interior constituiria certamente um grande fator para o desenvolvimento dos serviços, como ainda seria um exemplo ao trabalho, fendo e prestigiaria o próprio desenvolvimento da terra.

Constitue um verdadeiro paradoxo para uma organização que se destina à colonização, à criação e crescimento de cidades, ter a centenas de quilômetros de distância o seu maior núcleo de funcionários, quando um dos problemas a resolver é o de fixar o homem na região, o de descobrir-lhe motivos de atração e razões de permanência no sertão. Mas, o espírito de patriotismo e de devotamento à causa pública, desses funcionários não faltará na hora precisa.

O trabalho de desobstrução de favelas no Rio, embora idealizado com patriotismo, de nada valerá, por que outras surgirão, à medida que as primeiras sejam destruídas. Isso é como o princípio de vasos comunicantes. A simples pressão, apontam sucessivamente em diferentes posições. E como o terreno onde medrou a samambaia, que destruída pela enxada, dizimada pelo fogo, de novo desponta logo cessen as queimadas. E como a própria terra, segundo o provérbio hindu, que, calcada e recalçada, vinga-se florindo.

Não se pode ser contra a extinção das favelas. Pelo contrário, deve-se encarar o problema como um grande obstáculo ao nosso progresso, como um dos males sociais do nosso tempo. É preciso extingui-las de vez. O processo usado não é, entretanto, o aconselhável. A favela é o resultado de um desequilíbrio econômico, e a desorganização de um povo, atraído para as grandes cidades em busca dos benefícios das leis sociais ainda não aplicadas nos campos, enfeitado pelo samba destituido do interior. Se o mal é econômico, o remédio é descobrir o antidoto capaz de o corrigir, e este está possivelmente na renúncia dessas leis humanas que habitam os morros para o interior, para o Brasil Central, sobretudo, onde, ligadas à layoura ou à pecuária, em um lote de terra, se entregassem as atividades que fazem do homem o cidadão por excelência útil à sociedade e à Pátria.

Este pensamento é apenas uma sugestão modesta à administração do Distrito Federal, que poderia prestar o seu valioso apoio financeiro à Fundação Brasil Central, a fim de resolver estes dois grandes problemas simultaneamente — descongestionar a Capital da República e povoar o sertão, dando aos homens das favelas outro padrão de vida, capaz de lhes reservar para os filhos um lugar melhor na sociedade.

Ademais, já o Ministério da Justiça e o Juiz de Menores está fazendo interessante experiência levantando para Aragarças duas dezenas de menores retirados do Rio de Janeiro para ali iniciarem a vida nas oficinas que a Fundação mantém. O Sr. Galvão Paes se refere a reforma das parcs menores?